

Festim das moscas

Uma semana e meia depois

Era a última chamada do dia. O inverno estava chegando, mas ainda havia resquícios de calor, mesmo o sol já se pondo mais cedo. A temperatura ou a minha ansiedade de estar atendendo pela primeira vez sozinho faziam o suor escorrer pelas minhas costas, preso na roupa de proteção. Sete anos me preparando, uma semana de observação. Até ali estava tudo bem, nada muito fora do comum. Alta pandemia, os chamados estavam aumentando a cada dia, pessoas com medo de sair as ruas, medo de irem até os hospitais, o que causou uma chuva de ligações pedindo atendimento em casa. Não era o que eu almejava fazer como médico, não queria ser “médico de porta em porta”.

Finalmente chegamos, o carro estacionou e fui procurar meu destino. O prédio era velho e pouco iluminado. Como quase todos os edifícios a entrada era o que seria o “lado de trás” a frente normalmente eram pontos comerciais. Algo bem característico do leste Europeu.

- Certo, apartamento número 6. - Pensei comigo mesmo.

Tirei a lanterna da bolsa a tiracolo e procurei pelo apartamento. As portas nesse prédio eram resquícios da União Soviética, e pela data de nascimento da paciente na ficha, ela mesma era uma relíquia desse tempo.

Era um edifício de dois andares, sua fundação estava um tanto torta. Subi as escadas de madeira que rangiam cansadas. Bati na porta.

- Olá, o médico que chamaram foi aqui? - silêncio.

Chamei mais algumas vezes, voltei a bater e chamar. Sem resposta. Pensei em tocar nos outros apartamentos, mas o ambiente estava escuro e sem sinais de vida. Era um lugar sem janelas, a única forma de entrada e saída era a porta principal. E também a única fonte de luz natural.

Depois de alguns minutos zanzando e bufando do lado de fora, bati novamente. Estendi uma mão descrente até a maçaneta e experimentei. Para a minha surpresa, estava aberta.

A porta se moveu com um rangido. Precisava de óleo. Mesmo com todos os meus aparatos, roupa de proteção, máscara potente e protetor facial, o cheiro bateu com tudo nas minhas narinas. Um cheiro de mofo e excrementos, misturados com putrefação, segurei uma ânsia de vômito. Meus olhos lacrimejaram, meu alerta de bom senso me dizendo pra correr.

A única luz que iluminava o local era da minha lanterna nada poderosa. Ao abrir a porta, um corredor estreito se revelou à minha frente, dobrava à esquerda para o interior do apartamento.

Iluminei o caminho. O chão era pegajoso, e estava meio molhado. O corredor dava pra sala principal da casa, quando adentrei verifiquei se a porta não iria se fechar sozinha. Ao dar meus primeiros passos no interior escutei um grunhido à minha esquerda. As paredes estavam cobertas por fitas colantes “pega-moscas”, olhando ao redor notei uma mesa com uma comida já mofada, e muitas moscas. Eu nem sabia que era possível juntar tanto inseto assim. A senhora estava sentada encurvada, e percebi que sua respiração estava rasa e devagar.

- Olá. - disse mais uma vez. - Foi aqui que chamaram um médico? - repeti.
- Sim... venha cá. - disse uma voz rouca, meio que sem forças.
- Tem luz aqui, que eu possa ligar?

Suas mãos trêmulas apontaram para o teto. Com a minha lanterna escaneiei o local que estava apontando, além das fitas colantes tinha um fio com uma lâmpada pendurada. Girei o gatilho que tinha na base e deu-se a luz.

Nada nos anos de faculdade me prepararam para o que eu me deparei quando o ambiente se iluminou. A comida sobre a mesa não estava apenas mofada, mas estava infestada de larvas. Dei uma boa olhada na senhora sentada na beira do que agora se revelara um sofá-cama, que estava imundo, com restos de excrementos pingando no chão. Suas bochechas estavam caídas, seus olhos vermelhos cheios de remelas amarelas, ela tentava erguer a cabeça, mas parecia que seus músculos do pescoço não conseguiam suportar o peso de seu crânio. O pior era seu pé esquerdo. Estava em estado avançado de gangrena, a carne estava sendo comida por larvas gordas e cheias de sangue. As moscas pousadas estavam inchadas de tanta comida. Suas asas faziam um barulho irritante, um zumbido que me perseguiu por meses em meus pesadelos.

Diante dessa cena dantesca todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

- Do... dói muito... - ofegou, serrando os olhos tentando se adaptar a iluminação do cômodo.

Não há palavras pra descrever o que eu senti naquele momento. Talvez uma mistura de horror com pena. Qual era o procedimento? O que raios eu deveria fazer em uma situação assim? Acabara de me formar, no meio de uma pandemia e no primeiro dia que saio para atender as chamadas sozinho, me deparei com uma senhora com grandes riscos de estar em choque!

Respirei fundo. Tentei pensar em tudo que havia aprendido. Minhas mãos tremiam e suavam, peguei o telefone e liguei para a emergência, expliquei a situação, disse que era médico, pra virem rápido. Minha voz deve ter soado como a de um adolescente apavorado.

Tentei mentalizar todos os algoritmos de primeiros socorros que aprendi. Minha mente um turbilhão de pensamentos, tentando achar alguma coisa que eu poderia fazer pra ajudar essa senhora, pelo menos um suporte emocional. Ela estava com a temperatura corporal elevada, provavelmente seu organismo já estava entrando em choque séptico. Pensei no que eu tinha em mãos, estetoscópio, esfigmomanômetro e pulsioxímetro. Esses eram meus instrumentos. Nada disso me ajudaria em uma situação dessas. Mas poderia pelo menos entender a condição dela, o que poderia ser útil para os paramédicos.

Aferi a pressão arterial dela; estava muito baixa. Ela corria grandes riscos, além da idade avançada a infecção na perna poderia matá-la. Tentei conversar com ela, meu russo nessas horas deve ser incompreensível, e ela só repetia que estava com dor. Com a febre alta ela podia estar delirando também.

Fiquei com ela por uns vinte minutos até os paramédicos chegarem.

Vieram duas socorristas, expliquei a situação, e imediatamente pediram para ajudá-las a colocar a senhora na ambulância. Ela não era muito grande, mas era pesada, com bastante esforço colocamos ela na maca e até o veículo. A paciente me olhou com os olhos cheios de lágrimas, e segurou meu braço com toda a força que conseguiu conjurar. Todo o orgulho, toda a possível arrogância de um médico recém formado morria ali, naquele olhar desamparado, e no toque frágil.

Então ela sorriu pra mim, e eu perdi o chão.